

Cartas políticas - uma etnografia das cartas para Lula na prisão¹

Isabel Siqueira Travancas - Eco-UFRJ/Brasil
Luciana Quillet Heymann - Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz/Brasil

Resumo: O objetivo desta comunicação é apresentar uma breve pesquisa etnográfica sobre as cartas enviadas para o ex-presidente Lula durante o período em que esteve preso, entre abril de 2018 a novembro de 2019. Estas cartas - que somam mais de 20 mil documentos – se encontram na sede do Instituto Lula, em São Paulo, onde estão sendo catalogadas e arquivadas. Partindo da ideia de que as cartas pessoais expressam a verdade de seu autor assim como buscam um "efeito de verdade" em seu destinatário, busca-se fazer uma etnografia destes documentos pessoais que, tanto pelo seu conteúdo quanto por seu contexto de produção e circulação, adquiriram forte significado político. Nesse artigo, apresentamos as condições em que realizamos breve etnografia no Instituto Lula, identificamos temáticas recorrentes no conjunto de cartas analisado e apontamos para significados que essa correspondência assumiu durante o tempo em que Lula esteve preso.

Palavras-chave: carta; etnografia; Lula.

Introdução

No dia 7 de abril de 2018 o ex-presidente brasileiro Luís Inácio Lula da Silva foi preso na Superintendência da Polícia Federal do Paraná, Curitiba. O Tribunal Regional Federal da 4ª Região o condenou em segunda instância a 12 anos e um mês de prisão por corrupção e lavagem de dinheiro no caso do apartamento tríplice em Guarujá, São Paulo. Lula foi assim impedido de se candidatar à eleição presidencial do mesmo ano.² No dia seguinte à prisão, o Partido dos Trabalhadores lançou uma campanha estimulando as pessoas a enviarem cartas para Lula. Esta campanha teve enorme repercussão, principalmente nas redes sociais, e produziu uma avalanche de cartas, enviadas para a Polícia Federal, em Curitiba, para a sede do Partido e para o Instituto Lula, ambos na capital paulista. Os remetentes também postavam suas missivas no Facebook e Instagram, estimulando o envio de cartas para Lula. Neste artigo vamos nos concentrar nas cartas a

¹ Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

² Lula esteve preso de 7 de abril de 2018 a 8 de novembro de 2019 num contexto de lawfare denunciado por lideranças políticas, no Brasil e no exterior. O processo que condenou o ex-presidente foi contestado por vários juristas (Cf. *Comentários a uma sentença anunciada: o processo Lula*. Editado por Carol Proner, Gisele Cittadino, Giseel Ricobom, e João Ricardo Dornelles. Bauru (SP), Projeto Editorial Praxis, 2017). A conduta parcial do juiz responsável pelo caso, Sergio Moro, foi denunciada em uma série de reportagens de autoria de Glenn Greenwald.

que tivemos acesso em nosso contato com o Instituto Lula (IL) onde estão sendo tratadas e arquivadas.

A carta, como salienta Emerson Tin (2005) tem um destinatário imediato com quem estabelece um diálogo e não é à toa que o autor a define como uma “conversação escrita” (Tin, 2005: 9). Por isso mesmo, pelo simples fato de ter sido enviada, a carta determina uma obrigação de resposta por parte do destinatário. No caso de personalidades públicas, como o ex-presidente Lula, a expectativa de resposta é muito menor, o que torna seu recebimento motivo de surpresa, satisfação e agradecimento.

Foucault (1992:145) em seu texto clássico *O que é um autor?* no qual analisa “a escrita de si” enfatiza que a carta “atua em virtude do próprio gesto da escrita, sobre aquele que a envia, e também sobre quem a recebe”. A carta é uma conversa com o outro, mas também uma conversa de seu autor consigo mesmo, assumindo, em muitos casos, uma função terapêutica ou mesmo catártica. Nesse sentido, compreende-se que “a prática da escrita de cartas, por conta do aspecto relacional que a caracteriza, instala processos auto referenciais para além das trocas dinâmicas com o outro” (Malatian, 2017: 201), ou seja, por ser dialógica, a carta implica a produção do sujeito que escreve, configurando um “momento biográfico” (idem: 200).

Para a pesquisadora Angela de Castro Gomes (2004) as cartas revelam sentimentos íntimos e profundos de seus autores, aspecto que está presente na correspondência política analisada, como veremos a seguir. A correspondência pessoal implica contato, intimidade e sociabilidade. Ela pressupõe que o autor da carta tenha disponibilidade de tempo, certa disciplina, disposição para a reflexão e confiança em si para decidir escrever.

As cartas enviadas a Lula na prisão, embora estimuladas por uma campanha pública com objetivo político - demonstrar solidariedade ao líder preso em um contexto de enorme polarização e instabilidade – não deixam de apresentar características de uma escrita pessoalizada e, muitas vezes, íntima. Sem dúvida, pesa para esse caráter pessoal a relação que o ex-presidente sempre cultivou junto a suas bases, formadas majoritariamente por camadas populares e médias: uma relação informal, marcada pelo contato direto e pela afetividade. Essa afetividade se expressa, por exemplo, nas imagens da saída do Sindicato dos Metalúrgicos no dia da prisão, difundidas pela mídia e em redes sociais, e nos endereçamentos carinhosos presentes nas cartas, que reproduzem a forma como as pessoas, costumeiramente, se dirigem a ele. Segundo Claudia Troiano, secretária particular de Lula: “As pessoas nas cartas sempre demonstram muita intimidade: ‘eu sou

um como você’, ‘posso te chamar de você, não preciso te chamar de presidente’. Tinha essa relação, e tem também essas cartas que têm chegado agora, de muito afeto”.³

As cartas a Lula, além de lhe prestarem solidariedade, de ecoarem a denúncia do processo injusto ao qual foi submetido, assumiram muitas vezes tom testemunhal, já que uma característica dessa correspondência é a narrativa em primeira pessoa, “na qual o indivíduo assume uma posição reflexiva em relação à sua história e ao mundo onde se movimenta” (Malatian, 2017: 195). De maneira geral, as cartas registram a melhoria nas condições de vida do remetente devido às políticas implantadas nos governos Lula (2003-2010), e são fartas em histórias familiares de luta e resistência. Nesses relatos, destacam-se marcas de gratidão e afeto, muitas vezes expressas nos presentes enviados ao destinatário junto às missivas: gorros e meias para enfrentar o frio curitibano, livros e palavras-cruzadas, bíblias, santinhos e objetos religiosos, entre outros.

Etnografia de documentos

Etnografias de documentos têm expandido os debates acerca do fazer antropológico, ainda que sejam escassos os trabalhos acadêmicos que apresentem quadros mais sistematizados dos impactos teórico-metodológicos produzidos por essa prática na disciplina (Ferreira e Lowenkron, 2020: 5). Trabalhos que lançam mão dessa démarche metodológica apresentam ênfases analíticas no conteúdo dos documentos, em sua materialidade, nas relações estabelecidas em torno deles ou no seu agenciamento em processos de disputa, dimensões que não são excludentes, e frequentemente aparecem combinadas. (idem: 8).

Uma das vertentes mais férteis da etnografia de documentos tem se dedicado ao estudo das burocracias. Nesse caso, estão em jogo as práticas documentárias empreendidas pelos agentes públicos, as hierarquias e categorizações que tanto informam quanto resultam dessas práticas, bem como seus efeitos na vida do cidadão (Ferreira e Lowenkron, 2020; Farias: 2020). Os trabalhos seminais de Peirano (2017) e Da Matta (2002) sobre a materialidade, os usos e representações de documentos de identidade são apenas uma das vertentes do olhar etnográfico interessado nas mediações que os documentos operam nas relações entre cidadão e Estado.

Nosso estudo, por outro lado, situa-se no campo dos documentos não padronizados, que integram um acervo privado pessoal, ou seja, são documentos

³ Trecho da entrevista concedida por Claudia Troiano às autoras no Instituto Lula em 21/09/2020.

marcados pela informalidade e pela liberdade de produção, ainda que sejam conhecidas as reflexões sobre o caráter formalizado da escrita epistolar (Tin: 2005; Dauphin, 1991). Além disso, trata-se de correspondência pessoal recebida por um indivíduo, distante, portanto, da custódia estatal e dos trâmites mais ou menos rígidos que orientam a gestão da documentação pública. Por outro lado, o fato de o destinatário ter exercido o cargo de presidente da República confere aos documentos que produziu e acumulou ao longo da vida o atributo de “arquivo privado de interesse público”, não havendo, porém, necessária interferência das entidades arquivísticas públicas na sua gestão e preservação.⁴

Vale dizer que os arquivos pessoais também têm sido analisados a partir de uma perspectiva etnográfica. Nesse caso, em geral, o foco se concentra nas práticas documentárias empreendidas pelo titular (ou por seus familiares e secretários) que produz, seleciona, descarta, comenta e organiza os documentos reunidos ao longo de sua vida. Outra dimensão da análise se volta para os processos de patrimonialização de que são objeto esses arquivos quando de sua doação ou venda a uma instituição de guarda, ou ainda quando um desses acervos dá origem a uma instituição voltada para a memória do titular (Heymann, 2012; 2009; Palmeira, 2013; Cunha, 2003). Nesse campo, estão em jogo construção pessoal, dinâmicas de legitimação, projeções de posteridade e representações da história.

Como as possibilidades analíticas da etnografia dependerão da natureza dos documentos e das condições do trabalho de campo, é importante registrar nosso contato com as cartas enviadas ao ex-presidente e identificar os aspectos que vamos privilegiar em nossa análise. Realizamos duas visitas ao Instituto Lula entre 2018 e 2019. Na primeira, estávamos juntas; na segunda, separadas. Nossas motivações tampouco eram as mesmas, posto que não havíamos, na ocasião, elaborado um projeto de pesquisa conjunto voltado para essa correspondência. Na primeira visita Heymann buscava selecionar e fotografar cartas para o projeto “Linhas de luta”⁵ e Travancas já desenvolvia um projeto de pesquisa sobre cartas para presos políticos, no caso brasileiro Lula e no espanhol Jordi Cuixard e Jordi Sanchez, presos por estarem ligados à realização de um plebiscito sobre a independência da Catalunha em 2017.

⁴ A Lei n. 8.394, de 30/12/1991, que dispõe sobre a preservação, organização e proteção dos acervos documentais privados dos presidentes da República, define, em seu Art. 3º que “Os acervos documentais privados dos presidentes da República integram o patrimônio cultural brasileiro e são declarados de interesse público”.

⁵ Cf. www.linhasdeluta.org, página construída por um coletivo de historiadores sob a coordenação de Maud Chirio com o objetivo de dar visibilidade a essa correspondência e impulsionar a campanha pela libertação de Lula.

Nesse sentido, embora ambas estivéssemos interessadas nas cartas e compartilhássemos visões políticas bastante próximas, para uma as cartas se enquadravam em uma pesquisa transnacional sobre cartas a presos políticos (Ardevòl, E. & Travancas, I., 2018; Ardevòl, E. & Travancas, I., 2019); para outra, tratava-se de selecionar documentos para uma ação de divulgação das cartas no contexto da luta pela libertação de Lula. Tratava-se ainda de uma oportunidade de conhecer o Instituto e parte do arquivo pessoal do ex-presidente, tema de pesquisas anteriores de Heymann (2012; 2009).

Em nossa primeira visita, entrevistamos Claudia Troiano, secretária de Lula, e Calinka Lacort, funcionária do IL e principal responsável pela gestão das cartas, sobretudo, por encaminhar repostas aos missivistas. Passamos dois dias no Instituto, lendo e fotografando cartas e tomando notas. É importante registrar que as cartas não estavam organizadas na ocasião. Elas estavam reunidas em uma sala, na qual eram lidas e respondidas. Não havia, ainda, um sistema de classificação que permitisse ter mais dados acerca da origem das cartas, sexo e faixa etária dos missivistas, entre outros indicadores. Havia a pilha das cartas ainda sem resposta e as caixas das cartas já respondidas, o que deixava clara a prioridade dada a essa tarefa: nenhuma carta deveria ficar sem resposta. Além disso, como o volume de cartas já era enorme – vários milhares – não foi possível ler mais do que algumas centenas no período em que estivemos lá. Muitas informações sobre o conjunto documental nos foram prestadas por Calinka, que nos acompanhou o tempo todo em que estivemos na “sala das cartas”.

Na segunda visita, Travancas buscou no acervo de cartas, agora mais organizado, com uma listagem das cartas já digitalizadas, selecioná-las a partir de diferentes categorias de remetentes – homens, mulheres, crianças, estrangeiros, entidade/coletivos. Já Heymann participou de um ateliê de leitura das cartas com o grupo responsável pelo site Linhas de Luta. Nosso contato com as cartas foi guiado, portanto, por objetivos relativamente distintos, ainda que ambas tivéssemos investimentos anteriores nos temas correspondência e acervos pessoais, e compartilhássemos empatia e interesse acadêmico pelas cartas enviadas a Lula.

A correspondência para Lula no IL

Na primeira visita ao IL foi possível observar o lugar central que as cartas ocupavam na agenda institucional. Com a prisão de Lula e o bloqueio das contas do Instituto, as atividades e o pessoal estavam bastante reduzidos. A “presença ausente” de

Lula era sentida de forma muito evidente. Do seu retrato na parede na recepção do imóvel ao depoimento de Claudia Troiano, a relação do espaço com seu patrono ficou muito clara:

“Eu desejo e espero que a gente passe por esse momento difícil logo, porque, com a ida do presidente para Curitiba, o instituto deu uma reduzida nas funções. Obviamente, a alma do Instituto Lula é o presidente Lula. (...) Ele é a alma do instituto, ele é a luz do instituto, ele é o sol do instituto.”⁶

Exatamente por essa razão, o que movimentava a instituição, ao longo dos meses da prisão, era a chegada das cartas e a atividade que elas impulsionavam, a cargo de Calinka Lacort, sobretudo. Em momentos de maior volume de correspondência, no entanto, foi preciso mobilizar ajuda:

Quando essas cartas chegaram, todas as pessoas que estavam aqui no Instituto, que não estavam no acampamento, na vigília, a gente se engajou muito. Então além da equipe do instituto, que na verdade sou eu, a Cláudia, a Bárbara, que é do setor de informática, mas hoje já faz parte da equipe de cartas... (...) vieram as companheiras da Dona Marisa, que é um grupo de amigas dela e do presidente também (...). A família veio em vários momentos... O Fábio vinha, ajudava a abrir e ler cartas... o neto dele veio.⁷

O trabalho com as cartas envolvia a abertura dos envelopes, a leitura (muitas vezes em voz alta para compartilhar o conteúdo com quem estava trabalhando na sala), a eventual separação de cartas que seriam entregues em mãos ao ex-presidente, e a ordenação visando à elaboração de respostas. Como já relatado, na primeira visita, em setembro de 2018, a grande separação era entre as cartas já respondidas e as que ainda aguardavam por essa etapa. Os critérios de separação do que era encaminhado a Lula são explicitados em dois trechos da entrevista de Calinka:

A gente lia e aí, o que a gente achava que podia ser de valor, que ia trazer conforto para ele e que ia deixar ele feliz... Tem muita gente que conta a mudança de vida a partir do governo Lula, que é uma coisa que deixa ele muito feliz... E aí se fazia separação. (...) Se tem alguma coisa engraçada, que a gente acha que ele pode achar engraçado, a gente manda. Então é isso: o que a gente acha que pode fazer bem para ele.

Assim, além de fazerem parte de um movimento de mobilização política, de serem entendidas como expressão e prova de solidariedade ao ex-presidente, as cartas eram

⁶ Trecho da entrevista concedida por Claudia Troiano às autoras no Instituto Lula em 21/09/2020.

⁷ Trecho da entrevista concedida por Calinka Lacort às autoras no Instituto Lula em 20/09/2020.

vistas como uma forma de “fazer bem” a Lula. Por todas essas razões, elas se tonaram a grande tarefa do Instituto durante sua ausência. Em certo sentido, elas ocuparam o lugar do patrono ausente e se tornaram, nesse período, a “alma do Instituto”.

A atividade de retribuir o envio das cartas, de atender à expectativa de resposta criada no momento mesmo do seu envio, ganhou tal projeção que levou à produção de cinco cartões impressos, enviados, em geral, com uma palavra manuscrita, de maneira a indicar a leitura da carta e assegurar a pessoalidade da resposta. Essa resposta variava segundo a classificação da carta em função do assunto e/ou do perfil do remetente. Segundo Calinka, o cartão procurava “dialogar com as pessoas”. Por exemplo, as cartas consideradas “mais políticas” eram respondidas com um cartão que reproduz o retrato do Lula tal como aparece em sua ficha no DEOPS no período da ditadura ou com um cartão com uma imagem do ex-presidente na multidão; o destinado a estudantes trazia a foto do ex-presidente ao lado de um formando negro da Unilab, a seu ver, “uma imagem muito simbólica para essas pessoas que escrevem falando de educação”. O cartão com a imagem do Lula com a testa encostada na testa de uma senhora idosa foi criado para responder às cartas mais afetivas e de agradecimento pelos projetos sociais do seu governo. Por fim, o dirigido ao público infantil tinha um desenho colorido de Lula lendo uma carta.

Durante todo o período em que esteve preso Lula foi informado sobre a chegada das cartas e dos presentes que as acompanhavam: livros, perfumes, fotos, camisetas, quadros, ou simplesmente o dinheiro para pagar o selo da carta de resposta. E se os presentes são um símbolo de afeto, as cartas enviadas para Lula podem ser vistas, elas próprias, como presentes. De maneira geral, expressam o desejo de tornar os dias na prisão menos solitários; manifestam preocupação com a saúde do ex-presidente; retribuem, em forma de agradecimento e mobilização, o que declaram ter recebido ao longo de seu governo.

Justiça e afeto em seis cartas

É o afeto, sem dúvida, o sentimento que deu origem à escrita e ao envio de inúmeras cartas para Lula. Além dele, percebemos também na leitura das missivas que muitas foram escritas por “dever”, por “justiça”, e por compromisso político. Para aqueles que lhe escrevem Lula é visto como um líder político, para outros um amigo, uma pessoa próxima ou mesmo da família. Alguém que ajudou a transformar suas vidas e a mudar o país. A carta se torna então, além de um gesto de solidariedade, um ato de resistência pacífica daqueles que consideraram injusta ou arbitrária a prisão do ex-presidente. Em

muitos casos, as cartas articulam a oposição entre a injusta prisão de Lula e as políticas públicas promovidas durante seu governo, ou seja, elas denunciam a injustiça testemunhando, em primeira pessoa, a justiça que Lula teria promovido, seja por meio de políticas de amparo à produção rural, de entrada na universidade, de acesso à saúde por meio das farmácias populares, entre outras. Escrever é, portanto, um ato de reafirmação de ideais políticos e sociais para o Brasil.

“Lula, nosso querido e amado presidente”. Assim começa a longa carta manuscrita de uma mulher de Curitiba. Ao longo de sete páginas, sua história de vida se mistura com a história do país no governo Lula. Em sua narrativa, M. passa pela ditadura militar, pela campanha das Diretas Já, pelo governo Dilma onde, em suas palavras, “comer não era mais uma luta diária”. A professora de História do Brasil termina lembrando a Lula que Dona Marisa e sua mãe, D. Lindu, em algum lugar “protegem o filho mais nobre dessa nação”. E ele, como ideia, está em todos os lugares e “como uma semente germina vigorosamente nas nossas mentes e corações.” Esta carta profundamente afetiva em que M. narra sua trajetória até se tornar professora traz um post scriptum curioso: “O senhor não sabe, mas meu segundo filho, F. é seu afilhado. Que São Francisco lhe proteja e esteja ao seu lado porque, já sabemos, o Papa está.”

Outra mulher, de Santa Catarina, se dirige a ele como “Querido Excelentíssimo Presidente Lula”. Trata-se de uma carta extremamente carinhosa desde seu início quando afirma que está com o coração partido com a injustiça que o atinge. E narra sua história de filha de agricultores que trabalhavam na roça, com vários filhos, sendo ela a única formada na universidade. Ao longo da missiva destaca um dos programas sociais do governo Lula: Luz para todos. Graças a esse programa. A.G. conseguiu vê-lo na televisão.

“Caro Excelentíssimo ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva”. Assim, P. V, mulher, de Palmeira dos Índios, se dirige ao líder político preso. Ela começa sua carta com uma pergunta: “Gostaria de saber do senhor, se eu posso fazer alguma coisa para ajudar o senhor se livra-se desta condenação perversa e maquiavélica que está sendo industrializada contra o senhor”. E chega mesmo a sugerir que se seus advogados quiserem fazer uma matéria no jornal sobre a sua carta estão autorizados. Em anexo à carta para Lula, há outra longa destinada ao juiz Sérgio Moro em que faz um apelo “como se fosse um pedido de mãe” e completa dizendo que tem fé que o juiz não deixará “um inocente sofrer 12 anos e mais alguma coisa numa prisão por acusação incerta.”

Ainda que as mulheres sejam maioria entre os missivistas, há muitas cartas de homens endereçadas a Lula. M. R, por exemplo, se dirige a ele como “querido presidente”

e afirma: “Lula é grande, é gigantesco, é uma estrela que cega os medíocres com seu brilho, seu coração generoso e sua força inabalável.” Esta carta valoriza sua personalidade e expressa admiração pelo líder político, cuja atuação o distinguiria de todos os outros.

Agradecimento é outra marca das cartas para Lula. Como dissemos, agradecer ao ex-presidente é “fazer justiça” diante da injusta prisão. C.L. F. agradece por Lula ter levado luz às comunidades da sua cidade no Piauí. Mas não só por isso. Agradece também pelos institutos federais, pelas escolas técnicas, pelo Bolsa-Família, pelo Fome Zero, pelo estímulo ao produtor familiar e principalmente por servir de inspiração para lutar. Para além do agradecimento, portanto, a carta expressa a adesão a pautas e valores que Lula encarnaria, e a filiação a um programa de ação política. As cartas atuam, nesse sentido, como sugere Malatian (2017) e outros autores, como espaço de produção do sujeito que escreve. No diálogo com Lula, C.L.F. articula e expressa sua própria visão de mundo.

Mas não são só os adultos que escrevem para Lula. Muitas crianças enviam bilhetes, cartinhas, desenhos como é o caso de J. M, de 7 anos, que escreve de Recife desejando força e paz e termina sua mensagem com #Lulavalealuta. Nesse caso como em outros, fica clara a mobilização familiar em torno da produção e do envio de cartas ao ex-presidente. A expressão das crianças, estimulada ou ao menos viabilizada pela ação dos adultos, é indicativa de ambientes domésticos que viveram de forma coletiva a prisão de Lula e da decisão de intervirem por meio da correspondência.

Considerações finais

Como já apontamos, as reflexões de que resultam esse texto são fruto mais de conversas posteriores a nossas visitas ao Instituto Lula e do confronto de nossas experiências no campo-arquivo do que de uma pesquisa previamente articulada. Pareceu-nos, porém, que as cartas e seu manuseio no Instituto nos davam uma boa oportunidade de refletir sobre a potência da etnografia de documentos. Por meio do contato com essa correspondência os significados conferidos pelos missivistas às cartas e ao próprio Lula puderam ser analisados, bem como o lugar que o Instituto conferiu a essa documentação.

Outras possibilidades etnográficas, que não pudemos desenvolver nesse artigo, nos levariam a analisar os usos que o próprio IL e outros atores do campo da esquerda deram a essa correspondência e a sua circulação nas redes sociais. Muitas dessas cartas foram postadas na conta do IL no Instagram e no Facebook ou nas contas dos próprios missivistas, além de serem divulgadas em sites, como o já citado Linhas de Luta, ou outros meios digitais, como é o caso da série Cartas a Lula no Spotify, projeto de leitura

das cartas desenvolvido na Universidad Nacional de General Sarmiento, na Argentina.⁸ Todos esses usos articularam a escrita pessoal a uma pauta política coletiva em favor da libertação de Lula, finalmente conquistada em 8 de novembro de 2019. Etnografar a circulação das cartas nesses meios, distantes em geral daqueles em que foram produzidas, permanece como uma possibilidade analítica a ser explorada.

Essas abordagens nos levam de volta à discussão sobre as possibilidades da etnografia de documentos. No caso das cartas a Lula, sua produção, recepção e circulação conformam campos possíveis para o exercício etnográfico. Em torno desses campos, atores sociais com diferentes expectativas e projetos conferem significados a essas cartas, sempre lançando mão do “efeito de verdade” de que são dotadas as narrativas epistolares. A eficácia dessas narrativas – sua capacidade de fazer coisas enquanto dizem coisas (Peirano:2017) – é testada e reforçada a cada nova postagem.

De maneira geral, nos parece claro que a etnografia de documentos é uma tendência que se consolida na medida em que pensamos a etnografia de forma mais plural e ampla, sobretudo, mas não exclusivamente, quando o campo é o arquivo. Também quando “o campo é a rede”, o que fazemos em nossas pesquisas em grande medida é etnografar (novos) documentos: posts, fotos e vídeos digitais. O trabalho de campo tradicional também se renova com interações mediadas por tecnologia, alterando os paradigmas da observação participante. As cartas a Lula são documentos que seguem os padrões tradicionais do mundo analógico, mas foram capturadas pelo digital a partir de critérios que remetem aos sentidos que lhes foram atribuídos e que definem o que será ou não selecionado para essa segunda existência documental.

O artigo nos permitiu uma aproximação com esses documentos, fornecendo uma amostra das narrativas que compõem esse mosaico de vidas entrelaçadas ao seu próprio tempo e focando no lugar que ocuparam no Instituto no contexto dramático da prisão. Mas esse contexto e o uso das cartas na campanha pela liberdade de Lula não esgotam a vida dessa correspondência. Integradas ao arquivo privado de Lula – junto à documentação do período da Presidência e aos registros anteriores a esse período – elas deverão estar disponíveis à consulta como parte do patrimônio cultural do país, como

⁸ Ver, por exemplo, “CARTAS A LULA | #8 Estela De Carlotto”, Spotify, setembro 2019, acesso em 1/10/2020 <<https://open.spotify.com/episode/21sp7veE5kG3M96FLF7J3J>> e “CARTAS A LULA | #10 Milagro Sala”, Spotify, outubro 2019, acesso em 1/10/2020, <<https://open.spotify.com/episode/1blH8PEHXZ7dKYqIFUiqhg>>.

previsto na legislação.⁹ Talvez mais do que qualquer outro registro, elas documentam o sentido que o governo Lula tem para milhares de brasileiros.

Referências bibliográficas

ARDÉVOL, Elisenda & TRAVANCAS, Isabel. “Cartas para la libertad: afectos y acción política en tempos digitales. *Quaderns-e*, Barcelona, v. 23, nº 2, 99-113, 2018.

_____. “Materialidad digital y acción política: las cartas a los presos políticos y su circulación en las redes sociales em Brasil y Catalunya”. *Etnografías contemporaneas*, año 5, nº 9, pp.159-181, 2019.

CUNHA, Olívia. Do ponto de vista de quem? Diálogos, olhares e etnografias dos/nos arquivos. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, nº36, 287-322, julho-dezembro 2005.

_____. “Tempo imperfeito: uma etnografia do arquivo.” *Mana*, Rio de Janeiro, 10(2), 287-322, 2004.

DAUPHIN, Cécile. Les manuels épistolaires aux XIX siècle. In: Roger Chartier (Dir.) *La correspondence. Les usages de la lettre aux XIX siècle*. Paris, Fayard, 1991.

FERREIRA, Leticia & LOWENKRON, Laura (Org.). *Etnografia de documentos*. Pesquisa antropológicas entre papéis, carimbos e burocracias. RJ: E-papers, 2020.

FOUCAULT, M. “A escrita de si”, em: *O que é um autor?* Lisboa: Passagens, 1992.

GOMES, Ângela C. (org.) Introdução. In: _____ (Org.) *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

HEYMANN, Luciana. *O lugar do arquivo: a construção do legado de Darcy Ribeiro*. Rio de Janeiro, Contra Capa/Faperj, 20012.

_____. Um olhar antropológico sobre o documento: representações e usos sociais. In: Lídia Freitas; Carlos Henrique Marcondes & Ana Célia Rodrigues (Org.). *Documento: gênese e contextos e uso*. Niterói, EdUFF, 2010.

_____. Memórias de presidente: reflexões acerca da construção do legado de FHC. In: Rachel Soihet [et al.] (Org.). *Mitos, projetos e práticas políticas: memória e historiografia*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2009.

JANEQUINE, Olivia. G. Como qualquer etnografia: fundamentos para uma etnografia dos documentos escritos. In: Daniela Feriani; Flávia Melo da Cunha & Iracema Dulley (Org.) *Etnografia, etnografias: ensaios sobre a diversidade do fazer antropológico*. São Paulo, Annablume/Fapesp, 2011.

⁹ Cf. Lei n. 8.394, de 30 de dezembro de 1991. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8394.htm#:~:text=LEI%20No%208.394%2C%20DE%2030%20DE%20DEZEMBRO%20DE%201991.&text=Disp%C3%B5e%20sobre%20a%20preserva%C3%A7%C3%A3o%2C%20organiza%C3%A7%C3%A3o,Rep%C3%BAblica%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAs.&text=Art. Acesso em 04 out. 2020

MALATIAN, Teresa. Narrador, registro e arquivo. In: Carla Pinsky & Tania Regina de Luca (Org.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo, Contexto, 2017.

MATTA, Roberto. Da. A mão invisível do Estado: notas sobre o significado cultural dos documentos na sociedade brasileira. *Anuário Antropológico/99*, Rio de Janeiro, Tempo brasileiro, p.37-64, 1999.

PALMEIRA, Miguel. Arquivos pessoais e história da história: a propósito dos Finley Papers. In: Isabel Travancas; Jöelle Rouchou & Luciana Heymann (Org.). *Arquivos pessoais: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa*. Rio de Janeiro, FGV/Faperj, 2013.

PEIRANO, Mariza. A eterna juventude da antropologia: etnografia e teoria vivida. In: Rosana Guber (Org.). *Pesquisa de Campo en América Latina*. Buenos Aires. 2017

TIN, E(org.). *A arte de escrever cartas: Anônimo de Bolonha, Erasmo de Roterdam, Justo Lipsis*. Campinas: Editora Unicamp, 2005.